

Grotowski était un mystique!*



Artigo sobre o colóquio 2009 *Année Grotowski*,
realizado em Paris em outubro de 2009

CELINA SODRÉ · FEVEREIRO DE 2010

(*Grotowski era um místico! Fala de Peter Brook na sua palestra de 19 de outubro de 2009 no Théâtre des Bouffes du Nord, na Soirée Grotowski dentro do programa do colóquio do 2009 *Année Grotowski* -UNESCO.)

Começo esta reportagem para falar da aventura espiritual que se configurou, para mim, acompanhar em Paris o colóquio do 2009 *Année Grotowski*. Pode parecer incongruente falar de aventura espiritual em se tratando de um relato sobre um evento eminentemente acadêmico. Em princípio temos uma espécie de paradoxo, já que a academia e a espiritualidade, aparentemente, se estranham e se excluem, reciprocamente, dentro do senso comum.

O ano de 2009 foi declarado *Année Grotowski* pela Unesco. Os motivos: 50 anos da criação da companhia polonesa Teatr Laboratorium, 25 anos da sua dissolução e 10 anos da morte de Grotowski, seu criador.

A data foi comemorada com seminários, colóquios, palestras, congressos e mostras, nos EUA, na University of New York e Tisch School of the Arts, e na University of Califórnia, em Wrocław, no Instytut Jerzego Grotowskiego, na Inglaterra, na University of Kent, na Itália, na Università 'La Sapienza', na Turquia, na University of Istanbul, em Cuba, no Centro Teórico-Cultural Critérios, no Rio de Janeiro, na UNIRIO, e, em outros países e universidades pelo mundo.

Em Paris, em outubro, o evento, 2009 *Année Grotowski* à Paris, foi organizado pelo The Grotowski Institute, da Polónia, a Université Paris Sorbonne, Centre Pompidou, Théâtre des Bouffes du Nord e outros organismos estatais e diplomáticos.

Fui a Paris acompanhar os cinco dias de conferências, filmes e debates. Foram 27 palestras. Lá falaram George Banu, Jack Lang, Jean-Marie Pradier, Ludwik Flaszen, Marc Fumaroli, Marco de Marinis, Monique Borie, Patrice Pavis, Peter Brook, Richard Schechner, Valentine Temkine, e outros teóricos, críticos de várias partes do mundo. O evento se estendeu entre um auditório do Centre Pompidou e um do Collège de France, com uma noite especial, Soirée Grotowski, no teatro de Peter Brook, o Bouffes du Nord.

O primeiro dia do colóquio tinha como tema *Grotowski, la scène, la France, la contre-culture* (1) e foi aberto por Jack Lang, ex-Ministro da Cultura da França, que no seu discurso de abertura construiu uma analogia entre o dito de Michelangelo, a respeito do fato de que ele não esculpia, mas, sim, que retirava os excessos de mármore para que aquilo que estava oculto lá dentro do bloco pudesse ser visto, e, a ação do trabalho de Grotowski sobre os atores. A formulação desta analogia traz a questão da *via negativa*, que sempre foi, e é, uma articulação determinante no processo de formação do ator *grotowskiano*. Lang falou ainda da dimensão poética do teatro de Grotowski.

Ainda neste primeiro dia, Georges Banu e Ludwik Flaszen travaram um diálogo em que Flaszen, o parceiro de Grotowski na criação do Teatro Laboratório, destacou, como um elemento importante a ser estudado hoje, o caráter interdisciplinar do itinerário de Grotowski, incluindo nos seus campos de ação a antropologia, a teologia, a filosofia, a foniatria, a fisiologia do corpo humano, além do próprio teatro. Falou ainda da identidade, que ele vê, entre a trajetória de Grotowski e a de São Francisco de Assis, mencionou a influência do livro de Rilke sobre Rodin, *Sur Rodin*(2), para falar da inspiração plástica de Rodin sobre o trabalho de Grotowski, e, sem sair das artes plásticas, construiu um paralelo com o trabalho do russo Malevich, criador do movimento do *suprematismo*, na sua busca do absoluto. E, falando das 'fórmulas' forjadas no Teatro Laboratório, que marcaram a história do teatro, ele disse:

“[...] o sentido dessas 'fórmulas' apesar das suas ressonâncias mágicas, sempre foram práticas. O ato do ator como 'união entre disciplina e espontaneidade' significa que a estrutura das 'ações' é elaborada com precisão. É essa unidade paradoxal que torna o ator criador, espontâneo e vivo. Esta unidade insufla uma intensidade excepcional aos fenômenos da vida em cena. O ator grotowskiano, mestre das contradições, não é um intérprete. É o organismo do ator que é como um vaso onde se transformam as energias e onde a fisiologia se torna espiritual e o espírito fisiológico.”

Mas, talvez, o momento mais comovente e instigante da fala de Flaszen tenha sido quando contou sobre a grande surpresa que ele e os outros membros do Teatro Laboratório tiveram quando encontraram Grotowski no aeroporto de Shiraz, na Pérsia, em 1970. Grotowski tinha feito sua segunda viagem a Índia e ao Kurdistan por seis semanas. A realidade é que eles não reconheceram Grotowski: ele tinha perdido mais de 30 quilos, usava uma barba curta, óculos de lentes transparentes e roupas claras, indianas. Flaszen fala, então, da metanoia(3). E Grotowski diz a eles: – Eu sempre fui assim, só que vocês não viam!

A participação de Richard Schechner se deu através de uma áudio-conferência em que ele narrou, de Nova York, episódios a respeito da formação do seu Manhattan Project que começou com um grupo de atores que fizeram, junto com ele, um workshop com Grotowski em 1967. Ele também mencionou a mesma questão da 'metanoia', da mudança da aparência física, do abandono dos óculos escuros de Grotowski. Schechner diz que antes dessa mudança era como se ele estivesse disfarçado, como se as reviravoltas do seu percurso fossem se refletindo na sua aparência, na sua fisicalidade.

O segundo dia do colóquio foi de filmes dos espetáculos do Teatro Laboratório, *Akropolis* e *O Príncipe Constante*, e documentários, *Training al Teatro-laboratorio di Wroclaw*, *O Teatro Laboratório de Jerzy Grotowski* e *Grotowski ou... Socrate est-il polonais?*.

A terceira jornada do colóquio, dia 19 de outubro, começou às 19:00 horas no Théâtre des Bouffes du Nord sob o título de *Soirée Grotowski*. Depois de uma introdução curta de Ludwik Flaszen, a programação da noite começou com a apresentação de um filme inédito na França: *L'Acteur total: en memoire de Ryszard Cieslak*, de Krzysztof Domagalik, de 1994, sobre a vida de Ryszard Cieslak, o ator emblemático do Teatro Laboratório. Um filme documentário feito para a televisão polonesa. A projeção do filme, que realmente se constitui num documento pleno de revelações a respeito da trajetória artística e pessoal de Cieslak, foi carregada de emoção já que estavam na platéia a filha de Cieslak com sua mãe. Em seguida, dois atores, Sylvain Corthay e Andrzej Seweryn, fizeram uma leitura de uma

conversa com Cieslak, no seu camarim, em 03 de abril de 1986. Essa leitura, muito simples, sem nenhuma carga teatral ou dramática, se deu com os dois atores sentados à uma pequena mesa no centro do palco, Seweryn lia as falas de Cieslak e Corthay, que trabalhou com Peter Brook em *Orghast*, do seu interlocutor. A ‘cena’, ali no teatro de Peter Brook, deu conta do conceito do ‘teatro das formas simples’ no qual ele tanto insiste e defende com a sua prática.

Em seguida o *Rencontre avec Peter Brook* anunciado no programa. A fala de Brook causou comoção à platéia superlotada do teatro. Nesta fala, Peter Brook, num dado momento, depois de falar de Grotowski como um profeta do presente, e da importância de pensar na *arte como um veículo*(4), como um trampolim, provocou uma suspensão geral na respiração da sala do Bouffes du Nord. A minha respiração como a de todos os presentes se suspendeu também: era como se alguém finalmente estivesse dizendo o que todo aquele inconsciente coletivo dizia ininterruptamente e não ousasse transformar em palavras assim cruas e nuas: - *Grotowski était un mystique!*

Ele disse e o silêncio assentiu. No final disse: - *Nós podemos ir muito mais longe hoje graças a Jerzy Grotowski!*

Depois do final da sua fala, que era a última daquela noite, todos aplaudiram, de pé, por alguns longos minutos, o aplauso era duplo: aplaudiam Brook e Grotowski, os dois amigos irmanados ali. Depois dos aplausos todos falavam freneticamente e uma alegria geral se espalhou pela sala, uma energia calorosa e transbordante como a que Grotowski tinha a capacidade de transmitir quando estava vivo.

Este episódio aconteceu no terceiro dia do colóquio e de uma certa maneira deu o tom dos próximos dias. Afinal, os que estavam ali queriam e precisavam ouvir colocações não tão livrescas, precisavam que o espírito da irreverência grotowskiana se apresentasse, se materializasse, exatamente como Brook tinha realizado. A homenagem não podia trair o homenageado.

No dicionário Aurélio, a palavra místico no seu sentido como substantivo é definida assim: aquele que, mediante a contemplação espiritual, procura atingir o estado extático de união direta com a divindade. E, assim, esse espírito foi marcando algumas das falas pelos dois dias seguintes do colóquio.

Assim apareceu no episódio, narrado por Mario Biagini, co-diretor do Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards, na sua palestra no auditório do Collège de France no quarto dia do colóquio. Biagini falou da última (5) aula/conferência que Jerzy Grotowski faria no Collège de France, e que completaria uma série de dez. Nessa aula ele falaria a respeito das suas três pátrias: Polônia, Índia e Haiti. Mas, ele, doente, não se sentiu absolutamente em condições de realizar a programação, apesar de que muitas vezes ele cumpriu compromissos como aquele mesmo em circunstância física de debilidade extrema, como no caso do Seminário de São Paulo em 1996. Desta vez, em Paris, a imprensa foi acionada, para noticiar o cancelamento, e todos os possíveis ouvintes estavam avisados. Mas, Grotowski insistiu para que Mario Biagini fosse até Paris, até o Teatro Odéon, para explicar a sua situação a quem estivesse lá no horário previsto. Mario argumentou que todos estavam avisados e que isso não era necessário, mas, Grotowski foi irredutível, ele devia ir de qualquer maneira. Mario obedeceu e quando chegou lá se surpreendeu, e compreendeu a insistência, o saguão estava lotado: todos sabiam perfeitamente que Grotowski não iria mas mesmo assim estavam lá para encontrarem uns aos outros e para falarem dele. Mario falou da emoção e da energia que circulava no ambiente naquele dia.

Ainda nesse quarto dia falou Marco de Marinis, professor titular das disciplinas teatrais da Universidade de Bologna, e, autor do livro *La parabola de Grotowski: el secreto del 'novecento' teatral*. De Marinis falou do trabalho de Grotowski sobre a dilatação da percepção da consciência, da plenitude espiritual psicofísica, e, mencionou a importância de algumas questões, levantadas por Grotowski, quando, numa de suas aulas no Collège de France, ele mostrou aos alunos o filme de Jean Rouch (6) *Le debut du Théâtre: la fin du Rituel* (7).

No quinto e último dia do colóquio falaram, entre outros, Jean-Marie Pradier, professor emérito da Universidade Paris 8 e diretor científico da revista *L'Ethnographie*, e Patrice Pavis, professor do departamento de teatro da Universidade de Paris até 2007 e, atualmente, professor do departamento Dramático na Universidade de Kent, na Inglaterra.

Pradier falou sob o título *Jerzy Grotowski et la science* (8) e *Pavis L'anthropologie théâtrale de Grotowski et ses suites de Barba à la création contemporaine* (9).

Assim, Pradier tocou em questões como um vínculo entre a pesquisa de Grotowski e a física quântica, no sentido da busca de verticalidade, a busca da espiritualidade, e no da não mecanicidade do universo e portanto na sua organicidade, falou do físico David Bohm, de Krishnamurti, e da metafísica e do *Tao da Física* de Capra, tudo isso num discurso apaixonado e pleno de questões não respondidas mas 'apenas' provocadas. Pavis falou da herança de Grotowski para o teatro contemporâneo, da questão da morte do autor, tocada por Foucault, Barthes e Lacan, e da transferência do poder, que Grotowski fez, para o ator, da escritura cênica articulada em espetáculos do Teatro Laboratório, que subverteu conceitos. Falou ainda de Grotowski como um oráculo e citou um fragmento do seu texto *Le Performer*:

"[...]O homem de conhecimento dispõe do *doing*, do *fazer* e não de idéias ou de teorias. Que faz pelo aprendiz o verdadeiro *teacher*? Ele diz: faça isso. O aprendiz luta para compreender, para reduzir o desconhecido a conhecido, para evitar o fazer. Pelo fato mesmo de querer compreender ele resiste. Ele pode compreender somente se ele faz. Ele faz ou não. O conhecimento é um problema de fazer. [...]"

Monique Borie, professora da Sorbonne Nouvelle, que também falou neste último dia, tocou na questão da transcendência, da *mise en relation avec Dieu* (10), alguma coisa maior que nós e que pertence ao nosso mundo interior, falou do sufismo e do Yoga e suas influências e 'determinâncias' sobre Grotowski, e sobre a questão-chave, da última fase da *arte como veículo*, a transformação da energia pesada em energia leve, em luz. Borie acabou de publicar um ensaio que fala do engajamento premonitório de Grotowski sobre a via do teatro-dança.

Paul Allain, professor do departamento de teatro e performance e diretor do departamento dramático na Universidade de Kent, fundador do British Grotowski Project onde trabalha em colaboração com o Teatro de Arte de Moscou, autor do livro *Grotowski's Empty Room*, foi um dos últimos a falar no colóquio.

Deixando Paris, no dia seguinte, trouxe na minha bagagem uma preciosidade, uma caixa com dois Cds em MP3 com a gravação das 22 horas das aulas/conferências do curso de Grotowski, *La Lignée Organique au Théâtre et dans le Rituel* (11) no Collège de France, de 1997 a 1999. De volta em casa, comecei a escutar essas aulas e, como num quebra-cabeças, as peças foram se encaixando, a começar pela sua aula inaugural, do dia 7 de janeiro de 1997. No

início dessa primeira aula, de uma série de nove aulas, Grotowski diz (12), muito enfaticamente, que falam dele como um sábio, como um cientista, como um artista, mas, que o que ele é mesmo é um artesão, que o seu campo natural é o artesanato: no domínio do estudo do comportamento humano metacotidiano.

Que artesanato é esse? Como ligar os dois conceitos: artesão e místico? Existe dimensão artesanal no plano místico? Esse é um quebra-cabeças que quanto mais se completa mais enigmático se torna.

Para falar desse nível enigmático vou fazer aqui um desvio, em relação ao tema do colóquio, para trazer um relato pessoal do meu contato com Jerzy Grotowski. Quando, em 88, pela primeira vez, vi *Downstairs Action* no Workcenter of Jerzy Grotowski, depois do impacto: o que vi foi quase violento no sentido de um choque interno, não sei se é melhor definir como impacto psíquico ou espiritual, mas sei que foi uma espécie de choque. Quando saímos da sala e estávamos, eu e Luisa Pasello (13), numa ante-sala, com a porta para a sala principal fechada, agachadas calçando as nossas botas, eu, sussurrando falava com ela, dizia que estava perturbada com o que tinha visto e que de alguma maneira, não sabia ainda bem como, aquilo tinha trazido de volta à minha memória alguma coisa que eu tinha presenciado e vivenciado num ritual de Macumba quando era criança. Assim que sussurrei estas palavras no ouvido de Luisa de forma que não pudessem ser escutadas pelas outras três pessoas que também estavam ali calçando seus sapatos, assim que falei, a porta se abriu, Grotowski entrou, se colocou ao meu lado, eu continuava agachada, e se deu o seguinte diálogo:

“Grotowski – C’est pas la Macumba!

Eu – Mais, vous monsieur, vous connaissez la Macumba?

Grotowski – Moi, je connais pas la Macumba... Moi, je fais la Macumba!” (14)

Esse dito de Grotowski, e a maneira como se deu, vem ecoando em mim desde então. Isso aconteceu vinte dois anos atrás e durante esse tempo fui, pouco a pouco, destrinchando os sentidos e significados do acontecimento, que certamente fala dele, da sua relação com a pesquisa, com o trabalho de toda a sua vida.

Talvez essa seja a herança mais valiosa de Grotowski: uma série interminável de enigmas propostos por esse homem que disse não conhecer a Macumba e sim fazer a Macumba.

No final do ano de 88 escrevi a Grotowski com um pedido: ter uma nova oportunidade de me aproximar dele. A resposta veio rápida: ele me convidou para ir, em maio de 89, para Irvine, participar de um seminário de três semanas, com ele, no *Objective Drama Program* da University of Califórnia.

A experiência de três semanas de convivência com Grotowski, 12 horas por dia, foi intensa e mais uma vez tive a sensação de ter as minhas idéias e pensamentos revirados. Nesse seminário tive a oportunidade de ‘dirigir’ e atuar numa estrutura concebida por ele, baseada num sonho meu, e que tinha a sua orientação. Essa experiência em que ele dirigia a minha direção se tornou e é, até hoje, a matriz do meu trabalho como diretora de teatro.

O colóquio de Paris teve o efeito objetivo de ‘reconectar’ sentidos metafísicos, artísticos e acadêmicos da minha experiência desses 22 anos de pesquisa ininterrupta a partir do conhecimento de Jerzy Grotowski.

Notas:

- (1) Grotowski, a cena, a França, a contracultura.
- (2) Sur Rodin de Rainer Maria Rilke. Paris: André Versaille Éditeur, 2009.
- (3) Segundo o Aurélio: transformação fundamental de pensamento ou de caráter / conversão espiritual.
- (4) Título da quarta e última fase (1986-1999) do trabalho de J.G. .
- (5) J.G. morreu pouco depois, no dia 14 de janeiro de 1999.
- (6) Cineasta francês especialista em documentários que tem como tema central o transe ritual.
- (7) O início do teatro: o fim do ritual.
- (8) J.G. e a ciência.
- (9) A antropologia teatral de Grotowski e as sequências de Barba à criação contemporânea.
- (10) Da colocação em relação com Deus.
- (11) A Linhagem Orgânica no Teatro e dentro do Ritual.
- (12) fala que pode ser escutada na série de gravações editada pelo Collège de France dentro da coleção Aux Sources du Savoir (Nas Fontes do Saber).
- (13) Atriz da Compagnia Laboratório de Pontedera.
- (14) Grotowski- Não é a macumba!
Eu- Mas, o senhor conhece a Macumba?
Grotowski- Eu, eu não conheço a Macumba... Eu, eu faço a Macumba!